

Temor com economia dos EUA derruba Bolsas pelo mundo

Bolsas desabam sob temor de crise nos EUA; Japão tem maior queda desde 1987

Tombo em Tóquio catalisa reação em cadeia; no Brasil, dólar bate R\$ 5,865, mas fecha a R\$ 5,739

Luis Eduardo de Sousa e Tamara Nassif

SÃO PAULO As Bolsas de Valores ao redor do mundo enfrentaram fortes perdas nesta segunda-feira (5), em dia de nervosismo e instabilidade embalado por temores de uma recessão nos Estados Unidos.

Dados de empregos mais fracos do que o esperado para o mês de julho, divulgados na sexta-feira (2), levantaram hipóteses de que a maior economia do mundo possa estar caminhando para um processo de desaceleração acentuado.

A aversão ao risco surgiu nos mercados acionários logo após a divulgação do "payroll" (folha de pagamento, em inglês), ainda na sexta. Nesta segunda, foi a vez de investidores japoneses reagirem aos temores, catalisando uma reação em cadeia sentida por Wall Street, praças europeias e o brasileiro Ibovespa.

O índice Nikkei 225 despençou 12,4%, a maior queda desde outubro de 1987, na chamada "black Monday" ("segunda-feira negra"), quando a Bolsa de Nova York sofreu a maior queda de sua história. O índice japonês mais amplo, Topix, caiu 12,23%, para 2.227,15 pontos.

Em um momento de pânico, a queda nas ações acionou um "disjuntor" — o chamado circuit breaker —, que interrompeu as negociações para permitir que os agentes financeiros digerissem as grandes flutuações.

Na abertura dos mercados asiáticos, nesta terça-feira (6), a Bolsa de Tóquio se recuperava do tombo da véspera: o Nikkei subiu 8,2%.

O caos no mercado japonês nesta segunda tinha como pano de fundo também a valorização do iene, após o BoJ, o banco central do país, subir os juros de forma inesperada na semana passada.

"O rápido movimento do iene está pressionando para baixo as ações japonesas, mas também está levando a uma reversão de um grande 'carry trade' — os investidores se abancaram tomando empréstimos em ienes para comprar outros ativos, principalmente ações de tecnologia dos EUA", disse Kyle Rodda, analista sênior do mercado financeiro da Capital.com em Melbourne, na Austrália.

"Basicamente, estamos vendo uma desalavancagem em massa, já que os investidores vendem ativos para fi-



Operador na Bolsa de NY, cujo índice S&P 500 recuou 3%, após Nikkei 225, de Tóquio, cair 12,4% Spencer Platt/Getty Images/AFP

nciar suas perdas". O derretimento da Bolsa japonesa criou uma reação em cascata nas demais praças asiáticas, como Coreia do Sul (-8,8%), Taiwan (-8,35%), Singapura (-4,07%) e Índia (-2,6%). Já na China, as quedas foram menores. O índice CSI 300, que reúne as maiores companhias listadas, caiu 1,21%. Em Xangai, a perda foi de 1,54%.

Na Europa, o índice de referência STOXX 600 caiu 2,17%, após tocar a mínima em seis meses. "Não se consegue que o Nikkei caia em seu maior valor em quase 40 anos sem algum tipo de repercussão nos mercados europeus", disse Chris Beauchamp, analista-chefe de mercado do IG Group. "Essas coisas não costumam parar em um instante, leva alguns dias para serem resolvidas."

Já nos EUA, o Dow Jones perdeu 2,60%, o S&P 500, 3%, e a Nasdaq, 3,43%.

No Brasil, o dólar fechou em alta de 0,53%, aos R\$ 5,739. A moeda chegou a R\$ 5,865 na máxima da sessão, mas a disparada arrefeceu após dados do setor de serviços dos EUA diminuírem a percepção de risco dos investidores. A cotação de fechamento desta segunda é a maior desde 21 de dezembro de 2021, quando também estava em R\$ 5,739.

Já a Bolsa brasileira fechou em alta de 0,46%, aos 125.269 pontos, afastada do pior momento da sessão (-2,21%). O Ibovespa

Cotação do dólar desde janeiro de 2024



Reação das Bolsas globais aos temores de recessão nos EUA nesta segunda (5)



Fontes: CMA e Bloomberg

“Estávamos em uma situação estranha com um mercado que claramente começou a pensar que a economia dos EUA nunca iria aterrissar

Gilles Moëc, economista-chefe da Axa Investment Managers

suave... Em algum momento isso iria dar problema” disse Gilles Moëc, economista-chefe da Axa Investment Managers.

Especialistas consultados pela Folha atribuem as quedas mais a um nervosismo e especulações por parte de agentes de mercado do que à possibilidade real de uma recessão nos EUA.

“Acredito que a reação do mercado hoje [nesta segunda] tenha sido exagerada. O mercado sempre exagera para cima ou para baixo, e eu não enxergo a possibilidade de recessão como certa”, diz Luiz Rogé, economista, gestor de investimentos e sócio da Matrix Capital Asset.

“O mercado de trabalho e a economia como um todo está indo muito bem. O que estamos vendo é o ponto de inflexão no crescimento, ou seja, está crescendo menos. O mercado de trabalho absorveu os empregados apenas em proporção menor do que estava absorvendo, mas ainda está em crescimento. Então considero sim uma reação exagerada dos mercados.”

O payroll vem na esteira da manutenção dos juros na taxa de 5,25% e 5,50% pelo Fed (Federal Reserve, o banco central dos EUA) na quarta-feira (3). A decisão já era amplamente esperada, mas o comunicado de que a sucedeu deu fôlego à tese de que a autarquia poderia iniciar o ciclo de afrouxamento monetário já no próximo encontro, em setembro.

“O Fed pode ter dormido no ponto. Em especial na figura do presidente Jerome Powell, a autarquia foi mais ‘dovish’ no começo do ano, momento em que os dados de inflação estavam vindo estranhamente elevados. Nestas últimas semanas, quando os dados começaram a vir de forma mais moderada, o Fed tentou consertar a rota vindo um pouco mais ‘hawkish’ do que o necessário”, diz César Garriano, economista-chefe da Somma Investimentos.

O termo “dovish” se refere a uma postura mais suave dos bancos centrais em relação a juros, normalmente indicando uma disposição maior para cortes. “Hawkish” é o contrário: demonstra um tom mais agressivo, com sinalizações de manutenção em patamares altos e de maiores contrações.

Com os novos números do mercado de trabalho, a tese se tornou uma aposta unânime entre os agentes financeiros. E, se antes a dúvida era sobre a possibilidade de corte, agora a discussão é sobre a magnitude.

Alguns dos grandes bancos de Wall Street, como JPMorgan e Citigroup, revisaram as previsões para o ano, antevendo, agora, um corte de 0,50 ponto percentual na taxa de juros na próxima reunião.

Com Financial Times e AFP

pafoi amparado por fortes ganhos do Bradesco em meio à repercussão do balanço corporativo do segundo trimestre.

Oreçoie de que os EUA possam estar caminhando para uma recessão fez com que os investidores se afastassem dos ativos de risco.

O “payroll” mostrou a criação de 114 mil vagas no mês passado, ante expectativa de 175 mil, e a taxa de desemprego cresceu para 4,3%, quando agentes financeiros esperavam manutenção em 4,1%.

Os novos dados acionaram a chamada Regra de Salm, que vincula o início de uma recessão ao momento em que a média móvel de três meses da taxa de desemprego sobe pelo menos 0,5 ponto percentual acima da mínima de 12 meses. Em agosto do ano passado, o índice estava em 3,8%, o que coloca a taxa atual exatamente no gatilho.

Muitos agentes do mercado também disseram que o cenário desta segunda-feira foi causado por correção necessária nos mercados, que aparentemente estavam desprezados com a capacidade da economia americana de suportar um período tão longo de juros mais altos.

“Estávamos em uma situação estranha com um mercado que claramente começou a pensar que a economia dos EUA nunca iria aterrissar, seja com um pouso forçado, seja

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: P Pagina: 1